

# OSASCO: DEBATE E DENÚNCIA SOBRE O RACISMO

**Ricardo Dias**  
**Escritor e jornalista;**  
**do Grupo Quilombo de**  
**Osasco/SP**

**P**ertenço ao Grupo Quilombo de Osasco, grupo que atua em dois municípios da Grande São Paulo — Osasco e Carapicuíba - região periférica, distante 30 quilômetros da Cidade de São Paulo. Em Osasco, desenvolvemos um trabalho durante o ano todo, que envolve não só a comemoração do "Dia Nacional da Consciência Negra"<sup>1</sup>, como uma série de outras atividades. Essa nossa preocupação com o 13 de Maio vinha desde anos anteriores, mas a bem da verdade, somente a

partir da Resolução nº 95/86 da Secretaria da Educação<sup>2</sup>, solicitada pelo Conselho da Comunidade Negra, conseguimos fazer um trabalho efetivo com relação à desmistificação do 13 de Maio. Nos anos anteriores, tentamos uma aproximação, uma entrada na escola para esse trabalho, mas realmente não conseguimos. Por outro lado, no momento em que foi publicada a Resolução, algumas escolas de Osasco e Carapicuíba passaram a se interessar pelo nosso trabalho.

Gostaria de fazer duas considerações a respeito: a Resolução da Secretaria da Educação, instituindo o dia de denúncia e debate contra o racismo, foi muito importante, mas só surtiu efeito, realmente, nos lugares onde já havia um Movimento Negro organizado que pudesse servir de suporte para a efetivação do contato entre a comunidade negra e o alunado da escola. Na inexistência desse Movimento Negro

atuante, essa Resolução não se viabilizou na prática; segundo os professores e diretores dos estabelecimentos de ensino, não houve tempo suficiente para preparar convenientemente os alunos para esse trabalho, dado o pequeno intervalo decorrido entre a publicação da Resolução e o momento em que começamos a fazer as palestras.

Atuamos, basicamente, do dia 12 até o dia 30 de maio. A procura foi grande. Em pouco tempo, ficamos com a agenda totalmente tomada e não pudemos atender a todas as escolas que solicitaram a palestra. Nesse período, fizemos cerca de 22 palestras em 12 estabelecimentos de ensino. Palestras expositivas de 40 minutos mais ou menos e, cerca de uma hora para o debate, para as perguntas.

A reação dos alunos, em grande parte, foi parecida com a reação dos alunos de Taubaté. Trabalhamos basicamente com os 1º e 2º graus das escolas estaduais. Sentimos nesses alunos, de um modo geral, uma solidariedade muito grande com relação à comunidade negra, no que diz respeito ao repúdio ao racismo. Observamos que os alunos negros que, a princípio, se mostraram reticentes em participar do trabalho, num segundo momento, se sentiram promovidos pela nossa presença, pelo nosso trabalho dentro da escola. Como uma tentativa de chegarmos a esses jovens, usávamos o seguinte discurso: sabíamos que o jovem em si não é racista, mas achávamos necessário falar a respeito do racismo, pois eles iriam assumir, num futuro próximo, posições de importância dentro da sociedade. Eles questionavam, então, que não basta o jovem não ser racista, é preciso que o adulto também não o seja e, inclusive, muitos apontaram casos de racismo por parte de seus pais, de seus irmãos. Todos concordaram unanimemente com a necessidade de se assumir uma posição efeti-

- 1 No seu intuito de fortalecer a luta pela conquista do direito à cidadania plena, o Movimento Negro estabeleceu o 20 de Novembro, data da morte de Zumbi dos Palmares, como o "Dia Nacional da Consciência Negra", resgatando assim a figura deste líder que, com sua luta, abriu novas perspectivas ao negro brasileiro.
- 2 A Resolução nº 95/86 de 30.04.86, do secretário de Estado de Educação de São Paulo, determina que as escolas da rede estadual discutam a problemática racial.



va contra o racismo.

Num segundo momento, tivemos uma conserva com alguns professores e anotamos algumas conclusões a respeito do trabalho: falta de uma preparação anterior, o que prejudicou um pouco o rendimento das palestras, e pouco tempo para preparação efetiva do alunado.

Por outro lado, os alunos reivindicaram a continuidade de trabalhos deste tipo, não só com relação à questão do negro, mas também, com relação à mulher e ao índio. Eles, inclusive, acharam muito importante, muito positiva a presença, na escola, de pessoas que não são professores.

Uma das dificuldades que enfrentamos, enquanto grupo voltado para a difusão e para a questão do negro, foi justamente a formação de monitores. Por isso, já estamos nos preparando para formar novos monitores, a fim de atender à demanda que possivelmente ocorrerá no próximo ano.

Percebemos, também, que não podemos, agora, neste ano de 87, continuar fazendo palestras expositivas. Queremos melhorar um pouco a qualidade do nosso trabalho, obter material áudio-visual, *slides* e até um vídeo-cassete, pois sentimos que palestra expositiva se perde, sendo pouco intenso o seu alcance junto ao aluno.

Gostaríamos de enfatizar, também, o seguinte: falamos para alunos do centro de Osasco, ou seja, alunos de classe média e, nessas escolas, evidentemente, encontramos um número muito pequeno de alunos negros. Mas fomos também à periferia, onde há uma maioria de alunos negros, e pudemos sentir a diferença de situação. Tivemos, inclusive, que criar linguagens diferentes para as duas situações.

Finalmente, de um modo geral, nós, enquanto grupo, do Movimento Negro, voltado para a defesa e difusão da cultura negra, consideramos essa Resolução da Secretaria da Educação de suma importância, porque nos deu a oportunidade de levarmos essa discussão para dentro das escolas. Sugerimos, até, para os companheiros de outros estados, que talvez não tenham ainda essa possibilidade, que procurem reivindicar, também, esse tipo de Resolução, esse tipo de encaminhamento, porque essa iniciativa é muito interessante para o nosso trabalho.

Para finalizar, ficam algumas conclusões: este trabalho não pode se restringir ao mês de maio, deveríamos ter acesso à escola durante o ano todo; os professores deveriam preparar previamente os alunos; deveríamos ter a possibilidade de voltar às escolas para testar o desenvolvimento das nossas propostas.